

# APONTAMENTOS SOBRE OS PROVÉRBIOS

João Ribeiro Júnior

( Professor do JAC/PUCCAMP )

A origem dos **provérbios** perde-se na noite dos tempos. Nessas conceituosas sentenças, ora inspiradas nos diversos afazeres da vida prática, ora filiadas num fato histórico, ou num episódio mitológico, ora derivadas de um simples apólogo, já colhidas no campo das letras, no campo das ciências, no campo das artes — força é reconhecer que a intuição popular soube pitorescamente reunir um precioso tesouro de filosofia.

O filósofo italiano Vico, em seu entusiasmo pelos **provérbios**, não hesita em chamá-los “a linguagem dos deuses”.

Não é só a filosofia moderna que em tão grande conta e consideração os tem, porquanto já nos remotos tempos da Antigüidade, os filósofos lhes davam importância extrema. Basta dizer que os chamados **Sete Sábios da Grécia** ( Sólon, Tales, Pitaco, Bias, Cleóbulo, Quilon, Periandro, sendo às vezes substituído por Mison ), preconizaram e propagaram, com a prática do próprio exemplo, a vulgarização do provérbio como fórmula adequada à propaganda dos preceitos e doutrinas filosóficas.

Teógnis, autor das **Sentenças Elegíacas**, Focílides, Sócrates, Platão, Clearco, Teofrasto e vários outros, são frizantes exemplos do muito apreço em que entre os sábios da antigüidade eram tidos os **provérbios**, — quer se tratasse de vulgarizar princípios científicos propriamente ditos, quer se tivesse em vista popularizar preceitos de doutrina moral.

De **provérbios** se serviram freqüentemente os sacerdotes das antigas religiões, quando pela boca de seus oráculos transmitiam seus ditames ao povo. De **provérbios** lançaram muitas vezes mão os legisladores, para mais facilmente levarem a efeito a promulgação das leis. E tão re-

comendável vieram a ser, tão respeitáveis, tão venerandas e veneradas se tornaram estas sentenças da vida prática entre os povos da antigüidade, que não duvidavam eles de inscrevê-las nos monumentos públicos das cidades e mesmo das povoações rurais, para incessantemente as terem presentes ao espírito.

Referindo-se ao assombroso número dessas inscrições, que nos povoados da Ática se liam a cada canto e a cada passo, costumava Platão dizer que, para seguir um curso completo de Moral, bastava apenas percorrer aquela região.

Se da Grécia passamos para Roma, ainda aí se nos depara pronunciada a tendência para os **provérbios**. Julio Cesar, que sob o nome de **Apophtegmas**, formou deles uma preciosa coleção, sustentava que os **provérbios** se deviam considerar mananciais ricos de utilidade e bom conselho para a vida prática, visto que implicitamente instigavam a praticar ( **ad agendum** ) tal ou qual ação. Daí veio a derivar-se a palavra **adágio** ( **adagium** ), nome que designava, também, qualquer **provérbio**, principalmente os que já tem fôros de antigüidade.

Na opinião tanto do Judaísmo como do Cristianismo, Salomão passa por ser o mais antigo que se conhece entre os colecionadores de **provérbios**. Salomão recomendava — como importante e sobretudo excelente meio para adquirir a virtude — estudar e aprofundar o sentido dos **provérbios**, aos quais costumava chamar de “vozes da sabedoria”. São considerados de sua autoria os chamados **Livro dos Provérbios**, o **Eclesiastes** e o **Livro da Sabedoria**. Complemento destes três se pode considerar ainda outra coleção de **provérbios** que também se encontra na **Bíblia**, e que constitui o chamado **Eclesiástico**, obra atribuída a um tal Jesus ( filho de Sirach ), judeu de Jerusalém, que floresceu pelos fins do século III antes da nossa era.

Os povos do Oriente possuem todos grande cópia de **provérbios**, notáveis geralmente pelo conceituoso das imagens.

Meidani, um escritor persa do século XII da nossa era, compôs um **Livro de Provérbios** ( **Ketab-al-Amthal** ), curioso florilégio, que no século XVII o orientalista Eduardo Pocok traduziu para o latim. Passam de 6.000 os **provérbios** coligidos no livro de Meidani.

É na Idade Média que os **provérbios**, mais do que nunca, assumem fôros de primazia para englobar e resumir preceitos científicos ou morais. Neste período surgem as estrofes do **Hava-Mal**, poema onde figura uma notável coleção de **provérbios** escandinavos, que serão usados, juntamente com muitos outros, na escola de Salerno, cuja voga e popularidade se filiou especialmente na forma aforística de **provérbios** que ali se adotou para a vulgarização de seus ensinamentos médicos.

Jacopone de Todi, poeta místico italiano, que viveu entre os séculos XIII e XIV, e a quem alguns querem atribuir a prosa rimada do célebre cântico sacro **Stabat Mater**, compôs para uso de seus coevos um poema, em que resumiu os mais seletos preceitos de filosofia popular.

Com o alvorecer da Renascença continuam a vigorar os **provérbios**. Miguel Apóstolio coligiu deles uma grande porção; Scaligero trouxe a público algumas **parêmsias** gregas; Polidoro Virgílio compôs um vocabulário de **provérbios**.

Nos séculos XVI e XVII continua o **provérbio** como forma literária muito aceita e seguida; contudo, devido o seu uso exagerado, muitas vezes sem gosto, nem critério, a pouco o **provérbio** caiu no descrédito, e praticamente quase desapareceu da sociedade culta.

Em duas grandes categorias se podem dividir os **provérbios**: **provérbios gerais** e **provérbios particulares** ou **locais**. Os **provérbios gerais** exprimem geralmente uma idéia moral ou prática: verdade axiomática aceita igualmente por todos os povos, e reproduzida por imagens mais ou menos análogas ( às vezes até por vocábulos equivalentes ), em todos os países. Os **provérbios particulares** ou **locais** devem ordinariamente sua origem a um fato histórico, a um costume local ou a uma aventura singular. Há neles, portanto, ao inverso do que sucede nos **provérbios gerais**, uma originalidade especialíssima que caracteriza a localidade ou a ocasião, em que eles se originaram.

O **provérbio**, que vem do vocábulo latino **proverbium**, em cuja formação entram o substantivo **verbum** ( palavra ) e o prefixo **pro** ( conforme, segundo ) toma-se vulgarmente como **sentença** ou **máxima**, que o uso popular consagrou. O **provérbio** foi e é conhecido por vários nomes, como **adágio**, **rifão**, **exemplo**, **sentença**, **ditado**, **anexim**, **máxima**, **parência**, **apoteigma** e **aforismo**.

**Adágio**, que se deriva do latim **ad agendum** ( para se praticar ), significa etimologicamente um preceito prático. É a sentença comum, popular e breve, com alusão a alguma coisa. Encerra um pensamento moral a que freqüentemente se contrapõe outro pensamento em sentido inverso. Expresso ordinariamente em forma familiar, o **adágio** é empregado usualmente no discurso como argumento abonatório ou confirmativo de uma opinião individual, referida a um caso particular, perante o geral modo de ver enunciado pelo senso comum. Em regra, o **adágio** é local, isto é, exprime de preferência as idéias de um dado país, de uma dada região, de uma dada cidade, e simultaneamente os costumes dos seus habitantes. Donde seu valor nos campos histórico e lexicológico.

**Rifão**, derivado do francês **refrain** ou do espanhol **refran** ( antigamente dizia-se **refrão** ) é propriamente o **provérbio** que anda na boca do povo. Ele tem sempre uma forma poética com certa assonância.

Discutindo a questão da sinonímia entre os diversos vocábulos de que nos estamos ocupando, diz J. I. Roquete: "Estes três últimos ( o **provérbio**, o **adágio** e o **rifão** ), que freqüentemente se confundem, diferenciam-se em que o **adágio** é mais vulgar que o **provérbio** e de uma moral menos austera, e que o **rifão** dá sempre a instrução por meio de alguma alegoria ou metáfora. Além disso, o **provérbio** é grave e seco; o **adágio**, singelo e claro; o **rifão** agudo, chistoso, e muitas vezes dum estilo baixo. Em rigor todo **rifão** e todo **adágio** é **provérbio**; porém não falaria com propriedade o que chamasse **adágios** ou **rifãos** aos **provérbios** de Salomão."<sup>1</sup>

**Exemplo**, muito usado pelos pregadores da Idade Média, eram pequenos contos, às vezes deduzidos de diversos conceitos axiomáticos, como **rifões**, que os padres introduziam nos sermões para demonstração mais clara ou **exemplo** daquilo que desejavam comprovar. Muitas vezes os **exemplos** eram tirados da história greco-romana, o que, fazendo-os conhecido do povo, deu talvez origem às lendas do ciclo greco-romano, e daí provieram igualmente muitos contos populares.

**Sentença**, do latim *sententia*, apresenta analogia com a **máxima**, pois, como ela, encerra em si um preceito de moral. A **sentença** é efetivamente um pensamento conceituoso e discreto, a que se chega por conclusão racional, e que em si contém uma profunda moralidade. Geralmente, a sentença é um dito memorável, atribuído a algum filósofo, a um sábio ou mesmo religioso.

**Ditado** se chama efetivamente na linguagem corrente ao **adágio** ou **rifão** popular. O **ditado** exprimiu primitivamente a idéia de trova ou cantiga. ( Na poesia medieval portuguesa havia os **decires**, onde o **dizador** era o poeta do povo que exprimia nos seus versos pensamentos conceituosos sob a forma satírica e jovial ).

**Anexim** é o **provérbio** vulgar, ordinariamente em verso e com aliteração, em que se contém uma regra prática de moral com um sentido satírico e alusivo e em forma metafórica. É expresso em linguagem rude. O **anexim** é, em certos casos, um dito picante acentuadamente irônico, expresso às vezes por duas ou três palavras apenas, envolvidas numa alusão conceituosa e mais ou menos disfarçada. Muitas vezes o **anexim** representa o resto de um conto mais ou menos obliterado na tradição popular. Por vezes mesmo corresponde ao "Tal fábula mostra que..." com que Esopo costumava encerrar as suas fábulas. Em outras palavras, é a **moralidade** sentenciosamente enunciada com que o fabulista remata a sua narrativa. Daí encontrar-se **anexins** que só podem ser compreendidos aproximando-os da situação tradicional do conto ou da fábula a que pertenciam.

**Máxima** é um vocábulo derivado do latim, com que se designa qualquer proposição geral, adotada ou simplesmente oferecida como regra ou princípio imperativo, que deva tomar-se para norma e fundamento nos

atos da vida, especialmente sob o ponto de vista da moral. Sob a designação de **máximas** se compreendem comumente quaisquer coleções de pensamentos sentenciosos ou filosóficos; estão neste caso as **Máximas** de Epiceto ( Foi Arriano, seu discípulo, quem reuniu suas lições em oito livros, resumindo-as sob a forma de **máximas** ) e as **Reflexões e Máximas** de La Rochefoucauld.

**Parêmia**, do grego **paroimfai**, se chama, na versão dos Setenta, ao **Livro dos Provérbios**. Significa alegoria ou **parábola**. Nos **Provérbios** de Salomão abundam efetivamente as alegorias ou parábolas. Apesar de pouco usada, ainda hoje dá-se o nome de **parêmia** a uma expressão proverbial em que predomina a feição alegórica, por vezes mesmo repassada de um certo tom de ironia.

**Apotegma**, do grego **apophthegma**, designa qualquer frase sentenciosa ou dito memorável, extraído do contexto de algum livro, ou mesmo diretamente recolhido da boca de algum homem ilustre. Algumas vezes o **apotegma**, para ser devidamente apreciado, deve vir precedido por uma anedota sentenciosa a que ele verdadeiramente serve de remate em lugar de **moralidade** ou máxima final. Plutarco escreveu **Apophthegmas dos Monarcas e Militares Célebres**, uma verdadeira história anedótica da antiguidade; e Proudhon chamava aos **Provérbios de Salomão**, uma "coleção de apotegmas."

**Aforismo**, do grego **aphorismos** ( definição ), significa, segundo a sua etimologia, uma definição ou proposição em que, por poucas palavras, se expõe o que se oferece de mais importante e de mais essencial, numa dada ordem de idéias. É neste sentido que deve ser tomado o vocábulo, quando nos referimos aos **Aforismos** de Hipocrates. Os **aforismos** são sentenças ou fórmulas gerais que encerram um sentido profundo, e que pela sua concisão se tornam eminentemente próprias para se gravarem no espírito. Representam, geralmente, síntese resultantes da experiência. Em outros termos, constituem, por assim dizer, um ensino doutrinal sob a forma dogmática.

Geralmente o vocábulo **aforismo** é de preferência reservado aos preceitos de medicina ou de direito; mas por extensão aplica-se também a outros ramos do conhecimento. Nos autores clássicos, a palavra **aforismo** é tomada como sinônimo de **provérbio**, **máxima** ou **ditado**. É o que faz o padre Manuel Bernardes<sup>1</sup> em sua obra **Nova Floresta** ou **Silva de vários apotegmas e ditos sentenciosos, espirituais e morais**: "Colhem-se deste caso os seguintes **Aforismos** ou **Máximas**, na matéria de benefícios e esmolas, que ordinariamente se não observam por falta de coração pio e nobre."<sup>2</sup>

E já que citei um dos "clássicos" da literatura portuguesa ( praticamente desconhecido dos nossos universitários ), lembro aqui as palavras do mestre João Ribeiro , para servirem de conclusão deste breve estudo sobre os **provérbios**: "A boa estimação dos clássicos, o carinho e o amor

com que devemos cercá-los, é o fruto da madureza do espírito, quando cessa a avidez de idéias novas ou apenas diferentes, soberbas, bizarras e extravagantes. A juventude não ama os clássicos porque não tem a 'consciência do ridículo' e não está ainda desenganada de presumidas ciências e maravilhas que lhe avultam na alma, como estranhas revelações. Ao cabo de tantos lances, mais serena filosofia a modera e refreia e quebranta aqueles primeiros ímpetos. E não há homem que, vivendo um pouco, não lhe chegue a hora de dizer, como o velho rei bíblico, que **sub sole nihil novum**. Nada há mais velho que a moda, nada mais fácil que a originalidade das desobediências".<sup>3</sup>

#### Notas

(1) ROQUETE, J. I. **Dicionário de Sinônimos Poéticos e Epítetos da Língua Portuguesa**, p. 518.

(2) BERNARDES, Manuel. **Nova Floresta**, tomo II, p. 144.

(3) RIBEIRO, João. **Páginas de Estética**, p. 120-121.

#### BIBLIOGRAFIA

BERNARDES, Padre Manuel. **Nova Floresta**, Lisboa, Oficina de Valentin da Costa Deslandes e outras, MDCCVI e MDCCXXVIII. 5 tomos.

BRAGA, Teófilo. **História da Literatura Portuguesa**, Porto, Liv. Chardron, 1914.

CÂMARA, Perestrelo da. **Provérbios, Adágios, Rifãos, Anexins, Sentenças Morais e Idiotismos da Língua Portuguesa**, Rio de Janeiro, 1848.

LOPES, Antonio de Castro. **Origens dos Anexins, Prológuios, Locuções Populares, Singlas, etc.**, Rio de Janeiro, 1886.

MAGALHÃES JÚNIOR, R. **Dicionário Brasileiro de Provérbios, Locuções e Ditos Curiosos**. Rio, Ed. Documentário, 1974, 3ª ed.

RIBEIRO, João. **Páginas de Estética**, Lisboa, Liv. Clássica Ed., 1905.

\_\_\_\_\_. **A Língua Nacional**, SP. Ed. Revista do Brasil/Monteiro Lobato & Cia., s/d.

\_\_\_\_\_. **Frases Feitas**. Rio, Liv. Francisco Alves, 1908, 2 vols.

ROQUETE, J. I. e FONSECA, José da. **Dicionário dos Sinônimos Poéticos e Epítetos da Língua Portuguesa**, Paris, Liv. Ailland e Bertrand, s/d.

SARAIVA, Antonio José e LOPES, Oscar. **História da Literatura Portuguesa**, Porto, Porto Ed. Ltda, s/d. 6ª ed.